

A prática da orientação na geografia escolar: da vertente esportiva à pedagógica

Francisco Nataniel Batista de Albuquerque¹

RESUMO

O artigo propõe a Orientação - modalidade esportiva - como prática pedagógica na Geografia Escolar com o objetivo de facilitar o processo ensino-aprendizagem dos conceitos e conteúdos relacionados à Cartografia e as habilidades espaciais associadas, discutindo adaptações das variáveis do esporte à realidade escolar como objetivos, tempo, recursos materiais e humanos disponíveis. As questões expostas foram aplicadas numa prática/estudo de caso com os alunos do Ensino Técnico Integrado em Meio Ambiente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA/ Campus Eunápolis no ano letivo de 2011.

Palavras-chave: Geografia Escolar; Orientação; Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização, a sociedade sempre se preocupou em localizar objetos, áreas e a si próprio na superfície do planeta. Inicialmente, esta preocupação era restrita à vizinhança imediata de sua habitação e, mais tarde, ampliou-se para os locais de comércio. De acordo com Raffo (2005), com o

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) - Campus Eunápolis. Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus Rio Claro. Endereço eletrônico: natangeo@hotmail.com.

desenvolvimento da navegação marítima, a preocupação com a localização praticamente estendeu-se ao mundo todo, proporcionando a construção de um conhecimento progressivamente maior onde se encontram todos os lugares do planeta.

A necessidade de localização dos povos ao longo dos tempos levou à evolução das formas de orientação, elaboração e interpretação de mapas através, principalmente, da descoberta do magnetismo terrestre e o uso da bússola, além da criação dos sistemas de coordenadas geográficas (sistema de posicionamento global) aplicadas nas mais diversas áreas, dentre elas a militar.

Uma série de práticas de orientação espacial e tecnologias, sobretudo de sensoriamento remoto foram desenvolvidas em períodos de grande disputa militar, principalmente, na segunda metade do século XX, evidenciando a principal utilidade da Geografia neste dado momento, onde a mesma servia antes de mais nada para fazer a guerra (LACOSTE, 1989). Dentre essas práticas, está a Orientação como uma forma de treinamento militar numa perspectiva espacial desenvolvida na Suécia.

Na atualidade, a Orientação ganha espaço sobre um outro viés, o esportivo, sendo desenvolvidas modalidades e vertentes do esporte que permitem a prática de qualquer pessoa numa estreita relação com a natureza. Na Orientação o competidor tem que passar por pontos de controle, marcados em um terreno desconhecido, no menor tempo possível, auxiliado por mapa e bússola (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO - CBO, 2011).

No contexto educacional, a Orientação vem sendo estimulada por meio de projetos pontuais que visam inserir a prática nos currículos escolares, com destaque para os projetos desenvolvidos pela Confederação Brasileira de Orientação (2012). A maioria das propostas e experiências no âmbito escolar estão diretamente ligadas as disciplinas de Geografia (SCHERMA & FERREIRA, 2011) e Educação Física (SILVA, 2011).

No tocante à Geografia Escolar, as propostas de Orientação vem sendo discutidas no âmbito do conteúdo de Cartografia, dada a mesma base conceitual e instrumental utilizada pela disciplina como localização de objetos, medição de distâncias e áreas utilizando mapas, bússolas e receptores de GPS como instrumentos para leitura de fenômenos espacializados.

Vale ressaltar, com base em experiência empírica particular de 04 anos de docência que os conteúdos relacionados à Cartografia estão entre os que apresentam maiores dificuldades de ensino-aprendizagem por parte dos docentes e discentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Eunápolis.

Dentro desse contexto, a pesquisa tem por objetivo propor a prática da Orientação como atividade pedagógica na Geografia Escolar, mais especificamente, no ensino dos conteúdos de Cartografia, ao discutir a adaptação das variáveis do esporte à realidade escolar, a partir de um estudo de caso com alunos do 1º ano do Ensino Técnico Integrado em Meio Ambiente da referida instituição no ano de 2011.

1. A CARTOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO: COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

O ensino da Cartografia na Educação Básica perpassa por uma série de competências e habilidades necessárias a eficiência do processo ensino-aprendizagem à medida que seus conteúdos são necessários a resolução de inúmeros problemas da realidade, chegando a novas formas de comunicação e tomada de decisão. Como exemplo de competências, podemos citar, a definição de uma melhor rota de viagem até a melhor localização de um imóvel frente a posição do sol.

Para tanto, uma série de saber-fazer ligado às "habilidades espaciais" são necessários às competências acima, como a leitura de mapas, medição de distâncias com utilização de escalas cartográficas e orientação espacial.

Segundo Simiell (1999), a Cartografia deve ser trabalhada na Educação Básica em 02 (dois) eixos principais:

- 1º eixo: leitura do produto cartográfico – formação do leitor crítico;
- 2º eixo: elaboração do produto cartográfico – formação do mapeador consciente.

No Ensino Médio, mais especificamente, as competências e habilidades a serem desenvolvidas em Geografia na temática em questão se concentram no eixo representação e comunicação que tem os seguintes objetivos (BRASIL, 2000b, p. 35):

- Ler, analisar e interpretar os códigos específicos da Geografia (mapas, gráficos, tabelas etc.), considerando-os como elementos de representação de fatos e fenômenos espaciais e/ou espacializados;
- Reconhecer e aplicar o uso das escalas cartográfica e geográfica, como formas de organizar e conhecer a localização, distribuição e frequência dos fenômenos naturais e humanos.

Essas competências e habilidades devem possibilitar ao aluno do Ensino Médio condições de trabalhar com análise-localização, com a correlação e com a síntese (SIMIELLI, 1996) utilizando-se de uma linguagem cartográfica que constitui-se num sistema de símbolos que envolve proporcionalidade, uso de signos ordenados e técnicas de projeção (FRANCISCHETT, 2004). Características visuais como: forma, tamanho, orientação, cor, valor e granulação (JOLY, 2003) possibilitam a representação dos fenômenos espaciais de forma simultânea.

No campo empírico, percebe-se claramente que a maior dificuldade por parte dos alunos é a questão da escala cartográfica, ou seja, a compreensão da relação de proporção entre o real e o gráfico, esbarrando na dificuldade de abstração das dimensões, unidades de medidas e de utilização dos cálculos matemáticos para estabelecer essa relação.

Dessa forma, a Orientação estimula a leitura e interpretação de instrumentos e simbologias cartográficas, ferramentas importantes na análise dos fenômenos geográficos, ao estabelecer relações de distribuição espacial dos objetos. Para a realização da Orientação se faz necessário a abordagem dos seguintes conteúdos, além de práticas que propiciem trabalhar a/o:

- Orientação de cartas através de bússola;
- Cálculo de escala cartográfica e conversão de unidades de medida de comprimento;
- Simbologia cartográfica através de legendas.

2. A PRÁTICA DA ORIENTAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

A Orientação ou corrida de orientação surgiu em 1918 como forma de treinamento na academia militar da Escandinávia (Suécia e Noruega), configurando-se como um esporte no qual o competidor tem que passar por pontos de controle, marcados em um terreno desconhecido, no menor tempo possível, auxiliado por mapa e bússola (CBO, 2011).

Ferreira (2002, p. 5) define a Orientação com mais detalhe, como sendo:

A execução de um percurso topográfico, definido por uma partida, um conjunto de pontos (pontos de controle) e uma chegada, cabendo ao atleta a escolha do itinerário. Para isso, ao atleta é lido um mapa com o percurso marcado, podendo servir-se de uma bússola para atingir os elementos característicos do terreno que se encontram materializados no local por um prisma laranja e branco (baliza). Vence o atleta que realize o percurso estabelecido no menor tempo possível pela sequência imposta.

Com o intuito de definir o desenvolvimento da modalidade, a Confederação Brasileira de Orientação (2011), divide o esporte em quatro vertentes: competitiva, ambiental, pedagógica e turística. Na vertente pedagógica, a Orientação visa melhorar a qualidade do ensino e a motivação do aluno, não importando a performance, mas sim a participação, visando à formação do indivíduo para o exercício da cidadania e para a prática do lazer.

Vale ressaltar que em 1942 a orientação foi implementada nos currículos escolares da Suécia, onde os alunos são submetidos por volta dos quatorze anos de idade a uma avaliação para testar os conhecimentos de leitura de mapas, orientação e localização espacial. Em Portugal e Espanha, a orientação é inserida no currículo básico nas últimas décadas do século XX (SCHERMA & FERREIRA, 2011).

O desenvolvimento de algumas atividades esportivas no contexto escolar passa pela realização de algumas adaptações de ordem teórico-prática, tendo como base a vertente pedagógica e não puramente esportiva, com vistas a resultados que incluam os alunos e não selecionem-os através dos resultados.

A Orientação enquadra-se plenamente nas dimensões espaciais, temporais e pedagógicas do contexto escolar, principalmente, por seu caráter interdisciplinar e integrador onde uma série de valores e habilidades podem ser explorados.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (BRASIL, 2000a: 78):

O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo. Se bem trabalhado permite que, ao longo da transposição didática, o conteúdo do ensino provoque aprendizagens significativas que mobilizem o aluno e estabeleçam entre ele e o objeto do conhecimento uma relação de reciprocidade.

Inúmeras são as adaptações necessárias para a prática da Orientação no ambiente escolar, mas que no geral, são de fácil resolução. Num primeiro momento, a adequação ao espaço e ao tempo disponíveis, aliado aos recursos materiais e humanos disponíveis na escola.

Num segundo momento, a quantidade de alunos envolvidos na atividade, aliado às habilidades e competências em questão, além dos aspectos cognitivos de maior dificuldade são importantes para a eficiência do processo ensino-aprendizagem envolvido na atividade.

A atividade poderá ser realizada nas dependências da unidade escolar ou em um parque disponível na cidade. A menor dimensão do terreno em relação ao das competições profissionais determinará a distância da rota a ser percorrida, bem como a distância entre os pontos e a desconsideração do aspecto topografia do terreno, na maioria dos casos.

A Orientação enquanto prática visa trabalhar habilidades como: leitura precisa do mapa, noção de orientação e distância no terreno, avaliação e escolha de rota, uso da bússola, corrida em terreno natural, trabalho em grupo e tomada de decisão rápida.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa constitui-se num trabalho descritivo e propositivo de abordagem qualitativa da Orientação enquanto prática pedagógica no processo ensino-aprendizagem dos conteúdos de Cartografia na Geografia Escolar tomando como base os conceitos da vertente pedagógica da referida modalidade propostos pela CBO (2012).

A Orientação foi realizada com 79 alunos da disciplina de Geografia das duas turmas de 1º ano do Ensino Técnico Integrado em Meio Ambiente do Instituto

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus Eunápolis localizado na cidade homônima, no Extremo Sul da Bahia. O *campus* está localizado nas coordenadas geográficas de 16° 20' 57" S e 39° 34' 42" W com uma área retangular de aproximadamente 60.000 m².

A atividade foi realizada em duas etapas, todas no primeiro semestre do ano de 2011 contextualizada na discussão do conteúdo de Cartografia. A primeira etapa foi marcada pela simulação da utilização de coordenadas geográficas em campo; a segunda etapa, por sua vez, foi a própria Orientação com dados e situações reais.

Os materiais utilizados para montagem do percurso da corrida de orientação foram apenas etiquetas simples cobertas com fita adesiva transparente em caso de chuva. Na atividade os alunos receberam bússola, imagem de satélite impressa do *campus* obtida no software *Google Earth* e uma planilha de coordenadas (distâncias e orientações espaciais) necessárias à identificação dos pontos em campo.

Após a realização da prática de Orientação foram aplicados questionários abertos a cada um dos alunos participantes a fim de se levantar os principais aspectos positivos e negativos na percepção dos mesmos.

4. RESULTADOS: ADAPTAÇÕES PARA A PRÁTICA DA ORIENTAÇÃO

4.1. Primeiro momento - noções básicas espaciais

Diante da dificuldade, por parte dos alunos em análise, na compreensão das noções de coordenadas geográficas – latitude e longitude – foi elaborado o primeiro momento da atividade onde a área do *campus* foi dividida em quatro quadrantes, onde os mesmos passaram a representar os hemisférios terrestres tomando os corredores centrais do *campus* como referência, a Linha do Equador e o Meridiano de Greenwich (figura 01).



Figura 01. Imagem de satélite do *campus* com a divisão em 4 quadrantes representando os hemisférios terrestres.

Na atividade foram propostas competências e habilidades ligadas à localização quanto aos hemisférios do globo, às coordenadas geográficas e orientação espacial de objetos em relação a outros nas dependências do próprio *campus* com as devidas adaptações, principalmente, com relação à limitação do tamanho da área e dos materiais disponíveis, além do uso da bússola (tabela 01).

Tabela 01. Relação entre conteúdos cartográficos trabalhados e as adaptações realizadas.

Habilidade	Adaptação realizada	Exemplo
Localização de um ponto quanto aos hemisférios	Definição de corredores como paralelo e meridiano central	A biblioteca está nos hemisférios Norte e Leste
Coordenadas geográficas (latitude e longitude) de um ponto	Utilização de metros (medidas corporais) em vez de graus.	A lanchonete está a 40° de longitude leste e 10° de latitude sul
Localização de um ponto em relação ao outro (orientação espacial)	Utilização real da bússola	A quadra de areia está a noroeste em relação ao departamento de ensino

A determinação das coordenadas geográficas de um ponto qualquer da escola, como a biblioteca, por exemplo, foi determinada usando o sistema métrico, tendo o metro como unidade básica através de medições corporais, dada a dificuldade de trabalhar com medida angulares, afinal de contas o que estava em jogo era a capacidade de perceber a interseção de meridianos e paralelos e suas referências para a determinação da localização geográfica de um determinado ponto (figura 02).



Figura 02. Coordenadas geográficas de um ponto e localização do mesmo em relação a um outro objeto utilizando o sistema métrico.

O primeiro momento da prática de Orientação possibilitou aos alunos transpor conceitos do universo teórico para realidades espaciais concretas e de maiores dimensões em relação à sala de aula, além de tomar objetos no espaço como referência para a localização.

4.2. Segundo momento - a Orientação

A segunda parte da atividade consistiu na Orientação propriamente dita com adaptações quanto aos aspectos abaixo:

- Distância entre os pontos e total do percurso;
- Tempo disponível para realização da atividade;
- Quantidade de alunos por equipe/corrída;
- Intervalo entre as saídas;
- Materiais e recurso humanos disponíveis.

A distância total do percurso está relacionada diretamente às dimensões da área disponível para atividade. A distribuição e a quantidade dos pontos, por sua vez, dependem do tempo reservado à atividade e do campo de visão de um ponto em relação ao outro para que uma equipe não possa visualizar as demais identificando os pontos que podem ser os objetos fixos como árvores, postes, salas, por exemplo, facilitando a montagem do percurso.

No caso da atividade aplicada, optou-se por distribuir 08 pontos num percurso de aproximadamente 1000 metros de distância, onde o mesmo foi cumprido com tempos que giraram de 30 a 60 minutos pelos alunos.

Alguns pontos ficaram separados por grandes obstáculos como salas de aulas, a fim de uma equipe não visualizar outra identificando o próximo ponto, por exemplo, além de estimular o uso da escala cartográfica da imagem impressa do *campus* a fim de estimar a distância.

Para estimativa das distâncias se faz necessário disponibilizar, além da imagem, a medida real de algum espaço conhecido no percurso ou fornecer a escala cartográfica na imagem de satélite.

A formação das equipes, por sua vez, obedeceu critérios como de gênero e níveis de aprendizagens diferentes com relação ao conteúdo ministrado em sala de aula. As tarefas devem ser divididas entre os membros da equipe, por exemplo: leitura da imagem e orientação, medição da distância, procura do ponto e, finalmente, o registro do código encontrado no ponto. As tarefas podem ser divididas pelo professor ou a critério da equipe para se trabalhar a capacidade de organização coletiva.

Anteriormente à atividade, as equipes ficaram em um local fechado de onde foram liberadas uma de cada vez em intervalos de tempo pré-determinados e cronometrados pela coordenação da prática para que não pudessem visualizar a rota feita pelas equipes anteriores. Vale ressaltar que as equipes devem ser devidamente identificadas por meios que possibilitem a visualização à longa distância, como por exemplo, uniformes ou fitas de cores diferentes

O tempo necessário para a atividade foi de aproximadamente 4 horas, para a participação de 9 a 10 equipes com 3 a 4 integrantes cada com intervalos entre as partidas das equipes entre 5 e 10 minutos a depender do desenvolvimento da equipe anterior na atividade, evitando assim, a superposição das equipes nos mesmos pontos.

Com relação aos materiais foram utilizados na atividade: imagem de satélite do *campus*, bússola e planilha com coordenadas. A escolha da imagem se deu por conta do tamanho da área, além da facilidade e gratuidade da imagem no software *Google Earth* não acarretando custos, já que a impressão não precisa ser colorida. Além disso, o terreno é extremamente plano, característica que não colabora para o uso de uma carta topográfica.

A escolha da bússola em substituição ao receptor de GPS, por exemplo, se faz necessário ao baixo custo e mais fácil manuseio por professores e alunos. Outro fator é a possibilidade dos alunos explorarem as medidas corporais no entendimento das distâncias métricas, uma das grandes dificuldades percebidas ao longo dos anos de trabalho com a Cartografia no Ensino Médio. Muitos alunos não conseguem distinguir, espacializar e converter unidades de medida tão diferentes como 10, 100 e 1000 metros, por exemplo.

A planilha contendo as informações pode ser montada de várias maneiras, porém, deve conter a sequência dos pontos a serem visitados pelos alunos, além das coordenadas para encontrar os mesmos, as quais devem conter dados como direção e distância ou símbolos geométricos (figura 03) ou pictóricos que representem o uso, a ocupação ou objetos na área a ser percorrida.



Figura 03. Placa de concreto em forma triangular passível de representação com símbolos.

Cada ponto ou posto de controle deverá possuir uma numeração aleatória para registro na planilha, uma comprovação de que a equipe passou pelos referidos pontos indicados na planilha (figura 04).









Partida	Coordenadas Geográficas	Chegada	Nº de Registro do Posto de Controle
Início	45 m (SE)	P1	20
P1	 	P2	38
P2	71 m (SE)	P3	24
P3	 	P4	55
P4	2,5 dam (S)	P5	17
P5	 	P6	48
P6	90 m (SW)	P7	81
P7	 	P8	75

Figura 04. Exemplo de planilha com as coordenadas do percurso.

O primeiro ponto será constituído por uma distância conhecida, por exemplo, 10 metros, para que as equipes possam aferir a distância no terreno e tomá-la como referência para os demais pontos. A distância aferida dependerá das dimensões do terreno e das distâncias entre os pontos. Na presente atividade, optou-se por não utilizar apenas a escala cartográfica da imagem, dado o curto tempo disponível, frente a cálculos que demandariam por parte dos alunos um tempo maior para conclusão da orientação.

Os pontos foram identificados com pequenas tarjas de papel colocadas no terreno de maneira imperceptível a média e longa distância (figura 05).




	<p>P1</p> <p>308</p>	
	<p>P2</p> <p>240</p>	<p>3,8 dam</p> <p>(SE)</p>

Figura 05. Identificação de pontos (P) com o número de identificação para registro na planilha.

Os pontos registrados na planilha se enquadram em duas categorias. O primeiro grupo concentram os pontos que foram identificados a partir de dados de direção e distância, exemplo, 3,8 decâmetros a sudeste; o segundo grupo, estão os pontos que estão representados diretamente na imagem, exemplos, do triângulo para representar um símbolo semelhante de concreto existente no *campus* ou uma banana para representar uma área de cultivo.

Vale ressaltar, a obrigatoriedade da utilização de roupas claras e confortáveis, tênis, boné, protetor solar e garrafa com água para a maior segurança e aproveitamento da orientação.

Recomenda-se que imediatamente após o final da atividade ou na aula posterior, o professor realize uma avaliação da prática pedagógica com os alunos no

sentido de coletar informações a cerca dos pontos positivos e negativos da atividade, aspectos a serem considerados como distância, utilização de materiais dentre outras questões essenciais para o aprimoramento da orientação enquanto atividade pedagógica e, mais do que isso, a busca pela eficiência do processo ensino-aprendizagem no que tange a temática de Cartografia.

Entre os principais pontos positivos levantados pelos alunos estão aqueles ligados a maior facilidade na aprendizagem dos conteúdos de Cartografia durante a atividade, uma vez se tratar de situações reais que exploram competências e habilidades apresentadas teoricamente em sala de aula, sendo cogitada, inclusive, a realização da atividade em um parque da cidade.

Outro aspecto positivo apontado pelos alunos foi o fato dos alunos desempenharem funções específicas na atividade, mas que os resultados se apresentaram de forma coletiva no contexto da equipe, sendo, citado com bastante frequência a aproximação de alunos com problemas de relacionamento em sala de aula após a atividade.

Entre os aspectos negativos citados, está a necessidade do maior tempo de manuseio da bússola, a grande extensão do percurso e a necessidade de se criar estratégias para os grupos não se encontrarem no percurso, colocando como sugestão fazer a atividade em dois dias.

CONCLUSÃO

A Orientação configurou-se como uma prática pedagógica facilmente inserida como uma atividade no âmbito da Geografia Escolar e de extrema eficiência no processo ensino-aprendizagem dos conteúdos de Cartografia.

A vertente pedagógica da Orientação explora valores importantes como o trabalho em equipe, o respeito a natureza, a atividade física e a inclusão de alunos com dificuldades cognitivas, seja na abstração de distâncias ou na localização de objetos em relação aos paralelos e meridianos ou a simples objetos dispostos na paisagem local ou regional.

No tocante às adaptações, é perceptível as barreiras encontradas na maioria das escolas para a realização da prática da Orientação, principalmente, quanto ao espaço e tempo disponíveis, uma vez que as estruturas físicas não incluem áreas de

lazer e entretenimento e a matriz curricular dificulta a inserção da atividade frente aos rígidos e quebrados horários das disciplinas.

Como proposta de ampliação da atividade, sugere-se a participação de outras disciplinas na atividade tornando-a interdisciplinar como a Matemática e a Educação Física; a realização em áreas maiores, como no centro da cidade ou numa área rural; a abordagem de outros conceitos, além dos cartográficos como territorialidade, relevo ou paisagem ampliando o universo de importância da relação da Geografia e o espaço através da vertente pedagógica da Orientação.

REFERENCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Parte I – Bases Legais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 31.10.2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias. Disponível em: <http://cenpec.org.br/biblioteca/educacao/marco-legal/parametros-curriculares-nacionais-pcns-do-ensino-medio-parte-iv-ciencias-da-humanas-e-suas-tecnologias>. Acesso em: 31.10.2011.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO. **O que é orientação**. Disponível em: www.cbo.org.br. Acesso em: 10.10.2010.

FERREIRA, R. **Trail** - orienteering: um desporto para todos. Porto: Federação Portuguesa de Orientação, 2002. 16 p.

FRANCISCHETT, M. N. **A cartografia no ensino-aprendizagem da Geografia**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Pp 1-11. 2004. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/francischett-mafalda-representacoes-cartograficas.html>. Acesso em: 9/ agost. 2006.

JOLY, F. A. **A Cartografia**. Campinas: Papirus. 2003.

LACOSTE, Y. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1989, p. 142-151

RAFFO, J. G. G. Posicionamento de objetos sobre a superfície da Terra. In: VENTURI, L. A. B. (org.). **Praticando a Geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos. 2005. pp. 19 – 31.

SCHERMA, Elka Paccelli; FERREIRA, Enéas Rente. **Prática da orientação: contribuição para o ensino de Geografia e de Cartografia**. Rio Claro: UNESP - IGCE: Pós-Graduação em Geografia, 2011.

SILVA, Marco Antônio Ferreira da. **Esporte orientação: conceituação, resumo histórico e proposta pedagógica interdisciplinar para o currículo escolar**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Monografia (Licenciatura em Educação Física). 2011. 47 f.

SIMIELLI, Maria Elisa Ramos. Cartografia no ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, A. F. A. **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 1999.

ABSTRACT

The paper proposes a practical orientation - sport - as pedagogical practice in School Geography in order to facilitate the teaching-learning methods, concepts and content related to cartography and spatial abilities associated, discussing adaptations of the variables of sport to reality as school goals, time, material and human resources available. The questions posed were applied in practice / case study with students of Technical Education in Integrated Environment of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia - IFBA / Campus Eunápolis the 2011 school year.

Key-words: School Geography; Orienteering; Teaching Practice.

Recebido em 26/10/2012
Aprovado em 11/12/2012